



Marcelo Redonda\*

## Adolescência: considerações sobre o grupo, o fetichismo e o corpo na adolescência

### Regressão e fetichismo

Neste trabalho busco refletir sobre problemas vinculados à psicopatologia e à teoria do grupo adolescente instável. A partir de um ponto de vista *positivo*, examinarei casos que avalizem as considerações.

Desde muito cedo, quando Freud deitou seu olhar sobre o grupo em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/2011), viu na organização deste uma característica central: a regressão. Quero revalorizar esta ideia que permaneceu um tanto sepultada em meio a importantes contribuições teóricas, já verão o porquê.

Naquele mítico texto, o *eu* dos membros do grupo permanecia sob a influência dos processos primários, incluídos neles os aspectos *tribais*, que têm uma bem estudada articulação em seu mito antropológico, *Totem e tabu* (Freud, 1912-1913/2012). Freud, herdeiro da busca positivista, foi um mestre no enunciado de leis, e nestes textos, além dos autores com os quais dialoga, claramente deixa de lado pares que estabeleciam as leis do método sociológico, como Durkheim<sup>1</sup> e o mestre da busca positivista: Augusto Comte. Ambos autores estavam no rastro de muitos dos problemas planteados por Freud. Tenho buscado arduamente na biografia, as cartas e os textos do pai de nosso ofício, e não tenho encontrado referência alguma ao tema que quero ressaltar como outro elemento a estudar: o *fetichismo*, estudado por Augusto Comte e revalorizado por autores contemporâneos (Canguilhem, 1968/2012). Claro que Freud estudou o fetichismo, mas não no sentido de uma articulação grupal com origem, que é o que aqui, como veremos, nos interessa.

A máxima positivista lançada por Comte em seu *Curso de filosofia positiva* (1842/1978) era que a humanidade havia passado pelos estados *teológico* e *metafísico*, e estava desenvolvendo seu novo estado, o *positivo*. Uma das características centrais desse estado de conhecimento era sua rejeição à *origem*<sup>2</sup>. De modo magistral e respeitando a investigação de sua época, Freud substituiu esta pergunta teológica pelo *mito*, feito que representa um salto qualitativo em relação ao modelo de *lei* positivista. Regressão, mito, teologia e fetichismo remetem a um mesmo problema em relação à origem. E em Freud, para ser correto, à *origem*, ao *grupo*, ao *líder* e à *Lei*.

A massa freudiana, que em algum momento deixa de ser um *grupo*<sup>3</sup>, organiza-se em relação a um *líder* que vitaliza o *pensamento mágico*, restabelece a *heroicidade de seus membros*, gera a *ilusão*, a *hipnose*, uma *dissolução do eu dos indivíduos compensada por um ideal grupal primário que faz as vezes de ideal do eu*. Se ao *eu do pensamento positivo governa a razão*, ao da massa governam a teologia e seu antecessor, o *fetichismo*, segundo Comte.

Freud nos aponta com assombro como o predomínio do mágico e uma *passividade* em direção à regressão metafísica e teológica é um fenômeno que inclui pessoas de bom desenvolvimento simbólico, até mesmo homens da ciência. O sonho de Comte de que o estágio positivo baniria as etapas anteriores da humanidade, a teológica e a metafísica,

\* Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires.

1. Durkheim estabelece uma regra central no método que propõe: o sociólogo deve estudar a coisa e não a ideia. Deve suspender os conceitos, e somente tratar dos fatos. É interessante ressaltá-lo, já que neste texto estamos trabalhando entre a coisa e a representação. Como ponto último no tema que tratamos, Freud situa o mito. Nós nos situaremos mais além do mito como parte do sentido deste trabalho.
2. Uma das características centrais do positivismo é expressar seu rechaço à pergunta sobre a origem. Comte assevera, em seu *Curso de filosofia positivista* (1842/1978), ser esta uma pergunta que para o autor remete a problemas pré-positivos, quer dizer, à teologia ou à metafísica: "Reconhecendo a impossibilidade de alcançar noções absolutas, renuncia a buscar a origem e conhecer as causas intrínsecas dos fenômenos" (p. 22). Por outra parte, em nossa prática é algo notável a recorrência dos delírios psicóticos em relação à origem, identidade e, é claro, ao perdão de Deus ou seu oposto.
3. Em suas *Experiências em grupos* (1961/1975), Bion separa *grupo de trabalho* de *grupo suposto básico*, que remeteria à massa freudiana. É muito clara a influência de *Psicologia das massas e análise do eu* (Freud, 1921/2011) nesse texto; a de Bion é uma ampliação que tem dado muitos frutos.

em suas ideias, foi questionado tanto por Freud como por ele mesmo no *Curso de filosofia positiva* (Comte, 1842/1978); ambos autores mostram como a espécie não pode renunciar a estas situações regressivas.

Individualmente, o fetichismo é um modo de especulação característica do “animal, a criança, o adulto normal quando a prática exige que uma decisão supere os resultados de uma análise, o adulto apaixonado e o alienado” (Comte, citado por Canguilhem, 1968/2012, p. 87). Essa citação de Comte traz a todos reminiscências de alguns textos freudianos, assim como esta outra de Darwin (citado por Canguilhem, 1968/2012:

Todo ser vivente pode continuar crescendo ainda que deixe de desenvolver-se [...] desde a perspectiva do desenvolvimento, ficará imobilizado numa ou em outra fase de sua infância específica [...] há uma regressão (reversão) [...] a animalidade é a lembrança do estado pré-específico da humanidade; é sua pré-história orgânica, e não sua antinatureza metafísica (p. 123)

O texto de Comte é de 1830 e o de Darwin de 1881. A análise de Comte e Darwin estava instalada na linha das preocupações freudianas, como vemos. Comte sustenta que o fetichismo é uma condição *a priori*, é a visão de mundo sem a qual a vida seria *vivida à consciência*: “no começo era a ficção” (Comte, 1842/1978, p. 86), “antes do fetichismo não há nada” (p. 87). Freud conecta estes elementos, partindo do mesmo Darwin e adicionando que o começo do *totemismo* se entrelaça com o violento assassinato do chefe. O ciúme sexual do pai primitivo é parte da psicologia das massas. O totemismo é uma consequência mental de seu assassinato e da culpa. A atitude passivo-masoquista – afirma Freud – é uma característica reativada da relação com o pai primordial.

Para Comte, o fetichismo não é um antropomorfismo nem um animismo, é mais um biomorfismo, consiste na “assimilação espontânea da natureza morta à natureza viva” (citado por Canguilhem, 1968/2012, p.87) e a confusão “entre o mundo inorgânico e a natureza viva” (p.87). *O autor vê ali um erro decisivo*. Do ponto de vista dos estados psicóticos, também assim foram vistos por Bion. Conceitualizou-os como *fenômenos*, zonas de funcionamento mental que permanecem imutáveis, onde se perde o contato do paciente com outro ou consigo mesmo como objeto vivo. Esse ponto é um alicerce central apontado por Bion e que considero central nos funcionamentos vinculados a todas as atividades grupais de adolescentes instáveis e seu grupo. O corpo, o grupo e seu fetichismo têm as características mencionadas, e além disso representam objetos inanimados que tomam forma em relação a um líder e seus lemas. Não gostaria de entrar em uma discussão do fetiche como *véu* da ausência de pênis vinculada ao complexo de castração ou como substituto *inanimado* de um aspecto psicótico da solução perversa. Estamos falando de uma zona da mente na qual o desenvolvimento é basicamente grupal; o fetichismo descrito não escapa a essas regras, o objeto se estabelece entre o animado e o inanimado, e de alguma maneira é uma forma de dar vida a algo que está tanto fora do mundo como fora da vida, tentando organizar-se, tentando tomar vida. As soluções violentas, grupais, corporais e fetichistas no sentido mencionado, muitas vezes têm a missão de apontar

o limite corpóreo/incorpóreo que adquirem estes objetos *constituíntes* para a *sobrevivência* do psíquico. Tratarei de fazer-me entender.

### Grupo adolescente: corpo e regressão

É um fator observável na adolescência –e, especialmente, na atividade social do adolescente– a proliferação de pequenos grupos com seus lemas e fetiches, com sua indumentária, seus modismos e estereótipos, que apontam que a atividade adolescente é eminentemente *social* e que *um grupo que assume sua identidade provisória é o espaço fetichista e teológico onde se realizam as fantasias identificatórias e se cria uma neocomunidade que substitui momentaneamente a família, a sociedade e o eu*.

A psicologia do adolescente instável mantém essas características, mas com as formas que são paradigmáticas do campo dos pacientes instáveis, quer dizer, os pacientes que correspondem a *estados psicóticos* característicos da posição esquizoparanoide descrita por Klein e toda a conflitiva relacionada com o período edípico em suas etapas iniciais. Tratarei de que se compreenda isso nos materiais apresentados, sobretudo em relação ao papel do *líder* no funcionamento grupal.

Dizíamos que o fetiche se estabelece em uma divisória *animado-inanimado*, elemento centro do fetichismo sobre o que se configura uma religião provisória. O fetiche estabelece a fragilidade de um objeto *entre o horror e uma estética renovadora*. Marilyn Manson, por exemplo, o líder de um grupo de new metal, é a combinação de um objeto que anuncia o terror e gera, em uma constituição bizarra de *um monstro* que não para de horrorizar, uma zona limite *centrada em um corpo fetichizado* que evoca o outro lado do vivo. Na estética do grupo e em seus vídeos e canções, observa-se permanentemente o interjogo de bonecos horrorosos que vão tomando vida como mortos-vivos e sua relação com um líder fetichizado. “Eu sou o seu terror” – abriu a apresentação do grupo em Buenos Aires há alguns anos. Por outro lado, na composição do nome *Marilyn Manson* se convoca uma condensação de *Marilyn Monroe* e *Charles Manson* como dualidade horrorosa e estética.

Haveria outros exemplos a tomar no grupo marginal e na relação entre a regressão, o líder e o fetichismo como momento prévio a uma teologia. O líder e o subgrupo preservam um desencadeamento trágico que sempre está próximo. Cada subgrupo mantém seu *habitus*, uma lógica separada da lógica *comum*, e estabelece uma lei tão provisória quanto tantálica. No Bronx, na periferia de Nova York, pode-se observar os grafites que retratam cada subgrupo com seus baluartes e mortos representando um conjunto ideológico de “crenças” que, traídas, iniciam guerras entre gangues de que habitualmente temos notícia através do jornalismo e das gravações de *hip-hop* que narram os conflitos entre as características rígidas e litúrgicas em torno de cada grupo. Também se observam ali os ritos de iniciação que são evidenciados através de signos públicos como os tênis pendentes em cabos de luz. Cada subgrupo representa uma tentativa de institucionalização primitiva. Manejam, através de signos, estereótipos ao caminhar, levantar a mão de uma ou outra maneira, falar de tal modo etc. O corpo se transforma na sede da fetichização e da vida por uma bandeira ou

pela droga que congrega em relação ao líder-*dealer*, ou as adolescentes prostituídas em relação ao *cafetão* que as agrupa e ocupa o lugar fetichizado de um líder mítico. O fetiche é o horror, e preserva este. O corpo se estabelece como área de fetichização, um corpo que se articula em uma soma de corpos-pogo<sup>4</sup> ou corpo de transmissões de slogans, refrãos de ohlala, corpo ferido ou transmissor de emoções intensas, corpo escarrado de Iggy Pop, que ao subir ao palco recebe as cusparadas dos fãs como mostra de união entre os fluídos do corpo; Iggy que se lança sobre seu público e se perde, jovens que sobem ao palco e cantam por ele, perdido até retornar ao centro. É gerada uma unidade que se expressa na criação de subgrupos com características que, como eixo comum, compartilham a regressão, o líder e o fetichismo. Cada configuração revela um *habitus* que se expressa em uma *zona social subjetiva que adquire características específicas que é preciso analisar como compreensão do psiquismo individual*. Definamos brevemente estes dois conceitos.

### **Campus e habitus**

Quero ser breve nesse ponto. Tomarei os conceitos dinâmicos de *campus* e *habitus* do sociólogo Pierre Bourdieu (2012/2014) para fazer uma leitura psicanalítica especialmente do *habitus*. Durante mais de vinte anos, minha clínica tem buscado esta ferramenta para compreender ou enunciar fenômenos observados cotidianamente e que escapavam aos conceitos de *subjetividade* de nossas teorias do psíquico. Minha impressão sempre havia sido de que essa zona grupal deste tipo de adolescentes levava muito tempo da sessão e inclusive se fazia presente muitas vezes enquanto era levado, como analista, à *zona* onde se desenvolvia essa comunidade. Fui me dando conta de que não apenas estavam nessa *zona*, mas que *eram* ela, e de que ela estava governada por uma legalidade própria, de maneira equivalente à *zona* que estabelece uma ideiação psicótica.

Outras vezes, o grupo se fazia presente de diversas maneiras nas periferias do consultório, não apenas como um grupo interno, mas também como presenças efetivas nas imediações. De alguma maneira, poderia dizer que quando um destes adolescentes entra em meu consultório, é *revelado* a mim um mundo social que jamais haveria visto nos espaços que circulo se não houvesse sido descrito pelo paciente. Pequenos grupos com vida e crenças próprias que habitam os *cibers*, os bares, as esquinas e as *cuevas*<sup>5</sup> de dinheiro, de homossexuais, de venda de entorpecentes, de interações sexuais particulares, de distintas características de rock e, ultimamente..., de cumbia. Não são organizações impulsivas, embora estejam governadas basicamente pelo impulso, se não que têm uma coerência interna que regularmente é *fetichista, teo-*

4. Pogo, também chamada *mosh pit* ou *roda punk*, é uma forma de dança comumente associada ao punk rock. Praticada em grupo, na maioria das vezes em apresentações ao vivo, consiste em mover-se de forma frenética e aparentemente desordenada.

5. *Cuevas* (cavernas ou covas, em espanhol) é como são chamadas as casas de câmbio clandestinas de Buenos Aires, especializadas em comprar e vender dólares a preços distintos da cotação oficial.

*lógica e sustentada por um líder, e decisiva em relação à vida e à morte*. Poderia dar muitos exemplos, mas gostaria de centrar o ponto no *habitus* de um grupo que substitui estruturalmente a família, a sociedade e o psiquismo individual. Bourdieu situou-se no campo intermediário entre a psicologia e a sociologia, e ao contrário de nós, encontra uma ideia que ecoa em ambos os lados da prática: o *habitus*.

O *habitus* define-se em relação ao *campus* como estrutura objetiva na qual se inscreve o social. O *habitus* representa a estrutura subjetiva e remete ao conjunto de esquemas de percepção incorporados a partir dos quais constitui seu ponto de vista. Termina gerando um conjunto de disposições duradouras de atuar, sentir e pensar. É uma interiorização de estruturas objetivas do social, uma naturalização das diferenças, e se inscreve no *corpo* como um determinante da subjetividade social que representa. Este *habitus* opera sobre os sujeitos criando uma *coerção* (Durkheim, 1895/2001). Para dizê-lo de uma maneira adaptada à nossa tarefa: *o habitus separa esses conjuntos de maneiras de sentir, atuar e pensar do grupo do resto da comunidade, e considero que compreendê-lo, detectá-lo e analisá-lo, remete à subjetividade do adolescente que nessa zona desenvolve sua vida psíquica e social*.

Na sequência, irei expor dois casos e a análise de um fato social que chamou minha atenção dada a transcendência de que grupos de jovens armados tenham cometido crimes em colégios e lugares públicos nos Estados Unidos. Em relação aos casos, quero deixar a reserva de que apenas me detive nos elementos que estão vinculados a este trabalho; deixo de lado todo outro tipo de considerações evidentes, mas que confundiriam o objeto de estudo.

**A) Um *habitus* fatal.** O jovem H., de 18 anos, cursava as primeiras matérias de sua graduação humanística quando aconteceu o fato que o trouxe à consulta e o levou a abandonar seu rumo vocacional, ao menos por mais de dois anos, durante os quais o vi. Logo o espaço analítico passou a ser parte de um passado que H. não queria recordar e decidimos, apesar do bom vínculo, trocar de terapeuta, para um colega escolhido por mim.

H. visitou uma prisão nos arredores da cidade como acompanhante de um especialista em grupos de viciados e presidiários, e que tinha ampla experiência em áreas e situações marginais relacionadas com adolescentes. A H. sempre havia atraído o trabalho de seus pares da igreja em comunidades e presídios. Já rapaz, decidiu aprofundar-se no tema de um ponto de vista profissional.

Ao menos por um ano, as coisas correram às mil maravilhas. No obscuro clima carcerário H. havia conseguido que um grupo o aceitasse como participante do trabalho de seu coordenador. Tratava-se de um grupo ideal que havia solicitado que suas visitas se ampliassem. Enquanto estudavam, os jovens comentavam filmes e estabeleciam grupos de reflexão, e era uma grande decepção quando um deles partia. Dois agentes perambulavam pelas reuniões, agentes que inquietavam a H e seu coordenador. Haviam conversado sobre isso entre eles e o coordenador havia mencionado que haveria problemas.

Nos grupos de reflexão começou a filtrar-se o assunto de que havia duas vidas para o grupo: a que tinham quando H. e o professor

vinham, e a outra. Na visita seguinte àquele comentário, dois dos presos estavam machucados e tinham algumas marcas, marcas no corpo. Longe de afastar a dupla coordenadora, o clima estranho acalorou a situação e provocou questionamentos. Todo um grupo de relações sadomasoquistas com a dominação por um líder ficou em evidência: o fato de que um dos agentes era sodomizado por outro e o fato de que era crucial para o bem-estar do grupo que o capo possuía um deles (os presos). Todos compartilhavam essa legalidade como um fato normal, menos os dois presos mencionados que, de alguma forma, questionavam-na. Por isso apareceram marcados. Os encontros foram encurtados e, finalmente, “um dos presos apontou que o capo estava irritado e queria incluir a dupla de esquerdinhas no assunto”. O capo não tinha o menor temor de uma publicidade do assunto. Quem se atreveria? Ninguém! Isso estava religiosamente claro, “inclusive o racional coordenador, que jamais havia tomado uma atitude tão messiânica e que havia me ensinado que este tipo de grupos geram automaticamente a fantasia da salvação –disse H.–, mas havia algo mais forte na situação que nos fazia perder um pouco do bom senso”.

Uma tarde, chegaram ao espaço estabelecido –estavam preparando uma festa de carnaval; especificamente, uma murga<sup>6</sup>– e, ingressando no recinto, um clima de tragédia havia invadido o ambiente: “os dois jovens rebeldes haviam se matado em uma luta com armas brancas roubadas durante as refeições”. Aquele foi o fim dos grupos. Um mês após os fatos, o jovem H. foi internado por uns dias com “delírios de perseguição”; medicado adequadamente, saiu em seguida e, então, consultou-me.

Neste episódio podemos ver um instantâneo da função do líder, o estabelecimento de um *habitus* que é invadido por uma lei externa alheia, como os membros da equipe ficam capturados na regressão grupal e como a neolegalidade ajusta suas contas com os que querem invadi-la. Poderíamos ampliar, mas prefiro deixar espaço para a reflexão dos leitores. Passemos ao segundo exemplo.

**B) Por que James Holmes transformou-se de um bom rapaz, tímido e inteligente, bacharel em neurociências da Universidade do Colorado, em Bane, o vilão de Batman, e, finalmente, no assassino de Denver?** Dissemos que o conflito do adolescente se expressa basicamente de maneira social e que as estruturas que localizamos habitualmente dentro da mente se encontram em um estado de *ação*, em uma ultraexpressão. O conflito toma as formas regressivas de conflito com a realidade, e a realidade é seu palco privilegiado. Exibe-se, canta-se, escreve-se, tatua-se, briga-se, pinta-se, beija-se, louva-se, chora-se, dança-se, perde-se e ganha-se a morte. Agrupam-se em pequenos grupos com uma configuração, com uma organização de pequenas ideias, com suas cores e representações. Também se ensaia a ira, apologia às drogas, mortos aos 27 anos mais ou menos reconhecidos, um estado que adquire no mundo regressivo dos jovens mais perturbados um desenlace fatal. O limite entre a realidade e a fantasia

6. N. do T.: *Murga* é um gênero que combina elementos musicais e cênicos, presente no carnaval de países como Espanha, Uruguai, Argentina. Geralmente é interpretada por um coro, acompanhado de percussão.

diminui, define-se sutilmente em um ato final no qual o triunfo do inanimado se coroa na tragédia.

Freud não se estendeu no papel inanimado do fetiche, embora tenha utilizado o *desmentido* para vincular uma defesa extrema que pertence tanto à psicose quanto à perversão. Bion indica a passagem do objeto inanimado na personalidade psicótica. Parece que o desenvolvimento grupal produz no jovem mais perturbado, um efeito explosivo que marcaria a *perda* do fetichismo como um ponto crucial no desencadeamento psicótico. Enquanto o mascarado representar um objeto estético no limite do horror, mas bem destacado do malfeitor, pode sustentar-se um frágil equilíbrio. No filme *Batman: O cavaleiro das trevas ressurgue* –dirigido por Christopher Nolan e lançado em 20 de julho de 2012–, Batman sofre uma reviravolta inesperada: fica recluso durante oito anos; nesse período, cai a ordem que ele representa e aparece a figura de Bane. Vejamos um pouco seu aspecto e sua origem.

a. No filme, o clima de destituição institucional predomina. A *origem* de Batman é descoberta. A ética do comissário é questionada. O império da lei capitalista, com seu afã de lucro incessante, também é desmascarado, e descobre-se o *habitus* dos que controlam o poder econômico. Deprimido, Batman se aposenta durante oito anos. Um clima de bem-estar instável predomina em Gotham City. A corrupção está silenciada, mas agoura um perigo.

b. O perigo toma a forma de Bane, um homem mascarado, sem boca ou com dentes de ferro, que fala como que através de um microfone do qual se desconhece a *origem*. Sua presença ameaçadora vem suspender a anomia. Trata-se de um homem –logo se sabe, embora falaciosamente– nascido na *Liga das Sombras*, uma prisão localizada num *poço* do qual é difícil sair para *entrar* no mundo externo. A máscara de *Bane cobre e não cobre uma origem que ameaça ser anárquica e desorganizadora*, e *intimida com uma apresentação explosiva*. *Quem porá uma máscara nesta desorganização? Bane ameaça com a ruptura total de um velho mundo e o nascimento de uma cidade nova. O líder paranóico traz uma bomba, literalmente, das profundezas.*

Em 20 de julho, durante a estreia, James Holmes entrou na sala de cinema vestido de Bane. Deixou doze mortos e cinquenta feridos. Foi detido rapidamente no estacionamento, e disse ser, agora, o Coringa. Os disparos de sua arma confundiam-se com os disparos ouvidos no filme, o que confundia, por sua vez, os espectadores. Em junho havia abandonado os estudos. Era conhecido como um rapaz feliz, mas havia tentando o suicídio várias vezes. Frequentava uma igreja luterana local. Era bacharel em neurociências, com destaque. Membro de várias sociedades honoríficas das quais recebeu cartas de recomendação para as universidades: “líder de grupo muito eficaz”, “uma pessoa que assume um papel ativo em sua educação e acrescenta à sala de aula grande quantidade de maturidade emocional e intelectual”, diziam duas delas. Em 2008 foi conselheiro de crianças especiais de 7 a 14 anos e esteve encarregado de dez delas. Em 2011 esteve em tratamento psiquiátrico por causas desconhecidas. Em 2012 seu desempenho acadêmico declinou. Abandonou os estudos sem explicação. Foram encontrados em seu apartamento elementos vinculados aos filmes de Batman. Duas

semanas antes do tiroteio, ele envia uma mensagem de texto a um estudante: “Ouvii falar da mania disfórica? Deveria se afastar de mim porque sou *más notícias*.” Em 22 de maio de 2012, compra sua primeira arma Glock 22, e horas depois de ser reprovado em uma exame oral, uma escopeta Remington 870. Logo, um fuzil semiautomático AR-15 e outra pistola. Tudo isso legalmente. Quatro meses antes do massacre, compra pela internet 3 mil balas para pistolas e 350 cartuchos. Em 2 de julho, um colete de combate. Em 25 de junho, deixa uma mensagem na caixa de mensagens do telefone do clube de tiro: “Bizarro e *freaky*” – com voz grossa, incoerente e divagante, diz o relato policial. Em 20 de julho, à meia-noite, ocorre o massacre.

Podem ver o julgamento integral no *Youtube*, sobretudo para observar as inquietantes intervenções dos peritos relacionados ao problema mental do jovem Holmes.

Interessa-nos apontar que não se trata de um ato acidental vinculado a um impulso. Trata-se de uma comunidade com um *habitus* organizado em relação às armas e uma reivindicação teológico-satânica de uma neocomunidade que tomou formas regulares na sociedade americana: as torturas no Oriente Médio transmitidas por vídeos facilmente acessíveis, a relação particular da sociedade civil com as armas e a posição subjetiva em relação a elas. Um grupo de alunos de Dayton comentava que, em sua universidade, as salas de aula fechavam-se hermeticamente uma vez que os alunos ingressavam (pelo que vemos, isso não é garantia de nada). Marilyn Manson aparece em uma grande reportagem defendendo-se da acusação de ser autor ideológico do massacre de Columbine. Talvez tenha razão ao apontar que com sua artilharia fetichista-masoquista representa o limite, mas, nos adolescentes perturbados, a passagem para a ação delirante é um limite que pode ser ultrapassado. Conheço muitos adolescentes que podem tomar essa direção.

O certo é que o devir animal salva Batman da morte após o assassinato de seus pais, e o menino que havia ido ao teatro com eles, futuro Batman, cai em um poço que é invadido por morcegos, em um dos quais ele se transforma. Bane é salvo da morte no *poço*, após uma violenta surra, pela máscara que lhe permite comunicar-se; há uma transformação e uma máscara que salva e anuncia por trás dela uma origem perdida e um desastre que poderia acontecer, e que acontece... em Bane, em Denver, em Manson quando se passa do outro lado de Marilyn, nos rapazes de Columbine. Para que a multidão cesse, um líder deve mantê-la tiranizada, freada, digamos. Batman cria uma lei mais além da lei (não esqueçamos que Batman é uma lei que dá conta da falha da lei). Bane quer projetar seu desastre interno no terror social, operando sobre a anomia: ele fará advir um líder para frear a falta de líder e a falta de *freio* de uma cidade *desmascarada* sem fetiches. Duas máscaras: a de Batman, que esconde uma *identidade*, e a de Bane, que quer fugir de uma *catástrofe*, quer aterrorizar com sua *catástrofe*.

Uma tentativa de explicação da ação de James Holmes poderia ser o seguinte. James havia visto o filme, naturalmente, e por ele conseguiu sua fantasia (não pesquisei se suas armas são as que usava Bane no filme). Seu colapso mental provavelmente vinha se realizando paulatinamente através dos anos; sabemos das lutas intensas de integração e desintegração PS↔D que vão se dando na personalidade com predomínio psicó-

tico. Cada reintegração o torna mais estranho. Sua conduta social sofre um colapso quando deixa seus estudos e vai transformando-se em Bane paulatinamente, e a confusão permite reestruturar-se, corporizar-se violentamente e começar a agir como o homem- fetiche Bane, o homem que reinstala uma lei e projeta os projéteis de sua derrocada, os projéteis de sua fragmentação psíquica. Detrás de um homem tão forte, encontra-se um homem tão frágil que, ao apenas retirarem sua máscara, pode morrer. Sua identidade inanimada ganha força ante a fetichização, e os objetos externos equivalem a bonecos sem vida, objetos que ficaram inanimados. A resolução fetichista caiu uma vez consumada a catástrofe, ao ponto de Holmes fazer uma débil tentativa de reestruturação transformando-se no Coringa. De seu colapso interno retorna *transformado negativamente*, como aconteceu com Julio, um paciente sobre quem escrevi em um trabalho (Redonda, 2012), e que retornou como *justiceiro* golpeador de negros que passavam cantadas em mulheres brancas (artigo publicado em agosto de 2012!). A identidade delirante suprime a ficção e a realidade, e encontra um argumento inigualável no último Batman.

Como indicamos no começo, a realidade é o âmbito privilegiado onde se exhibe o conflito, neste caso, psicoticamente. De toda forma, apresento os elementos descritos no filme e as situações *recortadas* por mim como *retalhos* do mundo interno identificados psicoticamente por Holmes no filme. Os disparos de Bane coincidem com os seus. Esse foi, eu diria, o momento mais bem-sucedido da transformação psicótica.

**C) Encarcerado. “Você diz: ‘Não te agradará’, e é verdade, não me agrada e nem irá me agradar” (Norma)<sup>7</sup>.** Quando visitei G., um jovem tatuado de 16 anos, tive que deslocar-me a seu domicílio, a 60 km da Capital Federal. Era o filho de alguém importante socialmente e pertencia a um grupo de filhos de pessoas socialmente significativas. Notei de imediato que era importante que eu não fosse da *região*. Já, desde o início, era parte de uma subjetividade grupal que me excluía e que não tardaria a apresentar-se e retirar-se; minha estadia durou somente três meses. G. havia passado da rua à sala de estar, da sala de estar ao quarto e do quarto ao banheiro, atrás da cortina do chuveiro. Ali aceitei atendê-lo, sentado sobre a tampa da privada. G. me falava através de um orifício que havia feito ele mesmo na cortina. Não havia ameaças de suicídio ou de violência. Recebeu-me com uma atitude agradável, ouvindo música: Norma, grupo punk. Fui deduzindo, pelo que me foi contando, em uma série de entrevistas que não estava escondido por terror, nem angústia, nem psicose, nem agorafobia. Era um *bad boy* assustado, e que assustava. Já estávamos na sala de estar. Fora preso numa situação que não era dirigida a ele, mas estava nela; esteve na prisão, e me descreveu uma verdadeira sociologia dos grupos de sua *região* e sua inter-relação com, praticamente, todo o país. Diferenças entre uns e outros, e seus *modus operandi*. Você precisa saber onde se mete! Evidentemente, tinha vontade de falar. De todo aquele período, quero extrair, além de um *bad boy* assustado com o mundo em que havia se metido e a *que já pertencia*, dois episódios.

7. N. do T.: Tradução livre de fragmento da letra da canção “Notvg”, da banda punk Norma.

1) Enquanto esteve na prisão entendeu que lá, como nos grupos em que havia circulado, reinavam regras que devia compreender se não quisesse morrer. Um episódio do boxeador Carlos Monzón o ilustra muito bem. O pugilista encontrava-se em Punta Tombo, reserva de pinguins do sul argentino, junto de sua então namorada, Susana Giménez. Ela, encantada com os animais, demonstrou ruidosamente seu desejo de ter um; provavelmente, de maneira simbólica. O boxeador desapareceu e logo ressurgiu com um pinguim morto em seus braços. Vinha entregá-lo. Este episódio ilustra muitas lutas em relação ao líder no espaço carcerário. Voltei a ouvir o mesmo episódio de outras pessoas.

2) No momento em que o jovem G. era detido, estavam executando um jovem por um segredo que as *forças policiais* nunca conheceriam. Digo *estavam* porque a ação do líder era uma ação de todos. Estavam removendo uma tatuagem ante o que se havia considerado uma traição. Cada tatuagem (representava?) uma marca de união com o grupo, um escalão. A cada supressão, um pedaço de pele a menos. Cada conquista era comentada e aprovada pelo líder. Pelo grupo, ingressava-se na reclusão, e esta reclusão era parte dessas conquistas; dentro da prisão, em parte, sentia-se confortável. Dentro havia outros do grupo e outros de outros grupos, punks, grunges, new metal. “Saíam, assim como você veio aqui, eu saio”, disse-me. Quando desapareço, não me veem mais. A ausência é nossa marca. Aparecemos e desaparecemos. Não estamos. Nunca vai entender, não? Nós não queremos estar. Nem morrer, nem sofrer, nem ganhar, nem perder. “Não me agrada, não me agrada e nem irá me agrada”<sup>8</sup>, canta. Trouxe você a passeio por estas sombras, só queria conversar com alguém limpo. Já pode ir. Nunca nos conhecemos.

Não quero estender-me em episódios. Quero mostrar como, em um modo primitivo, a oferenda do pinguim representa a manifestação do amor ao totem, a não identidade do vivo e inerte se manifesta no episódio de Punta Tombo. O mesmo acontece com a carnalidade da remoção da tatuagem como extração de uma parte do corpo e a *legalidade* interna da ação no grupo. O *animal* – ou o *devir animal*, como diria algum filósofo – está no centro da situação. A manada, a ferocidade podem custar a reclusão, mas reclusão, paradoxalmente, é um lugar de saída onde se busca estar.

Como conclusão, através destas reflexões sobre os problemas da instabilidade adolescente, quis apontar algumas das direções que tomaram minha atividade e minhas conceitualizações a partir das observações que me oferecem este tipo de pacientes.

Este é um recorte de um trabalho mais amplo que venho desenvolvendo sobre os diferentes grupos e *habitus* que têm lugar na **pe-riferia** do desenvolvimento adolescente normal. Coletei uma ampla casuística que inclui fotografias, filmagens e pacientes de consultório, pacientes institucionais e fatos sociais que respondem às ideias aqui expressas. Com certeza voltaremos a falar de tudo isso.

8. N. do T.: Tradução livre de fragmento da letra da canção “Notvg”, da banda punk Norma.

## Resumo

Através de três relatos clínicos, estudam-se neste trabalho as características centrais do funcionamento grupal no adolescente instável. São discutidos autores que vão da psicanálise à sociologia prática e filosófica. Revisam-se os conceitos de *corpo e fetichismo*, e é estudada a dinâmica de grupos no funcionamento primitivo com a intenção de abrir um campo de exploração essencialmente centrado em problemas limítrofes, entre o psíquico e o social, e suas produções no campo da realidade externa e interna.

**Palavras-chave:** *Adolescência, Fetichismo, Corpo, Grupo, Realidade material, Realidade psíquica.*

## Abstract

Based on three clinical reports we analyse in this paper the central characteristics of the group functioning of the perturbed adolescent. We discuss the contributions of a spectrum of authors going from psychoanalysis to practical and philosophical sociology. The concepts of *body* and *fetishism* are revised, and the dynamics of groups of primitive functioning are analysed in the aim, to open a field of exploration essentially centred in the border problems between the psychological and the sociological, and their productions in the field of action.

**Keywords:** *Adolescence, Fetishism, Body, Group, Material reality, Psychic reality.*

## Referências

- Bion, W. R. (1975). *Experiências em grupos*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1961).
- Bourdieu, P. (2014). *Sobre o Estado*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 2012).
- Canguilhem, G. (2012). *Estudos de História e de Filosofia das Ciências - Concernentes Aos Vivos e À Vida*. São Paulo: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1968).
- Comte, A. (1978). *Curso de filosofia positiva*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro. (Trabalho original publicado em 1842).
- Durkheim, E. (2001). *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martin Claret. (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In Paulo César de Souza (trad.), *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)* (pp. 1-112). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (2012). Totem e tabu. In Paulo César de Souza (trad.), *Obras completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos* (pp. 1-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912-1913).
- Redonda, M. (2012). El paciente inestable. *Apêba Psicoanálisis*, 34(1), 159-175.
- Nolan, C. (produtor). (2012). *Batman: O Cavaleiro das Trevas ressurgiu* [filme]. Estados Unidos, Reino Unido: Warner Bros.
- Univisión Colorado. (2012-2015). (Arquivos de vídeo sobre o julgamento de James Holmes). Recuperado de: <https://www.youtube.com/user/noticiascolorado/search?query=%22james+holmes%22>